

TRABALHO E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES LATINO-AMERICANOS NAS DISPUTAS PELOS ESPAÇOS DA CIDADE – UBERLÂNDIA 1990-2007*

*Maria Gisele Peres***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as experiências de trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) na cidade de Uberlândia. Interessa refletir sobre as relações estabelecidas por estes sujeitos nas relações constituídas para que possam lidar com a “ilegalidade” e construir estratégias para viver no Brasil. A partir desta reflexão, também será discutido o trabalho que realizam nos espaços públicos da cidade, em especial na Praça Tubal Vilela, e como se tornam sujeitos nas relações que constituem nestes espaços durante o tempo em que neles permanecem.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas. Trabalho. Experiências.

ABSTRACT: This article has the objective to show some reflections about the experiences of Latin-American workers (no-Brazilians) in the city of Uberlândia. It is interesting to think about the relations established and by these subjects constituted so they can deal with the “illegality” and build strategies to live in Brazil. From this reflection, it will be also discussed the work that they carry out in the public spaces of the city, specially in the Tubal Vilela Square,

* As reflexões presentes neste artigo fazem parte da dissertação de mestrado: *Para além das fronteiras: culturas e experiências de trabalhadores latino-americanos. Uberlândia, 1990-2007*, orientada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo, no Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, defendida em 26 jun. 2008.

** Professora de História da rede de ensino do Estado de Minas Gerais (E. E. Maria da Conceição Barbosa de Souza). Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

and how they become subjects in the relations that they constitute in these spaces during the time that they stay there.

KEYWORDS: Cultures. Work. Experiences.

Ao pesquisar as experiências de trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) que atuam nos espaços públicos da cidade de Uberlândia, assim como em outras partes do Brasil e da América Latina, pude compreender os muitos significados das atividades realizadas por esses sujeitos. Suas narrativas indicaram quais valores são atribuídos por eles ao trabalho que realizam. Em seus enredos percebi que embora tenham vindo de diferentes partes da América Latina, seus horizontes se cruzam por meio de suas experiências de trabalho.

Neste artigo busco trazer para reflexão as experiências vividas por esses trabalhadores nas disputas pelos espaços públicos da cidade. Importa destacar que a inserção desses sujeitos nestes espaços se dá pela produção artesanal de seus trabalhos — principalmente assessórios pessoais e para casa, como brincos, pulseiras, colares, flores etc, feitos muitas vezes de materiais recicláveis ou naturais ou mesmo arame, incluindo ainda aqueles que produzem música apresentando-se nas ruas e praças da cidade além de vender os CDs que criam. Embora seja diversificada a produção, suas narrativas indicaram que seus modos de viver trabalhar, se conformar e resistir frente aos desafios vividos permitia que esses sujeitos pudessem ser reconhecidos socialmente como um grupo.

Durante os momentos compartilhados com os trabalhadores latinos em minhas idas à Praça Tubal Vilela, assim como nos encontros em suas casas em algumas oportunidades, foi possível perceber que o trabalho que realizam não significa, para esses sujeitos, apenas um meio de sobrevivência, de onde retiram seu dinheiro para continuar no Brasil.

Suas experiências evidenciam um sentido diferente para o “viver sem fronteiras”, uma vez que, ao contrário dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX incentivados pelo governo em suas políticas de substituição de mão-de-

obra, suas narrativas indicam que esses trabalhadores não vieram “fazer a América”.

Segundo Renato Ortiz,¹ neste mundo em constante transformação, o fluxo de pessoas por todas as partes é um dos meios pelo qual o processo de globalização é redimensionado enquanto um processo social e não apenas econômico. Por isso interpreto suas andanças não apenas relacionadas às necessidades financeiras, mas principalmente buscando compreender como esses sujeitos criam seus territórios transformando a própria dinâmica de suas vidas nos lugares para onde se dirigem.

É dentro deste processo de permanente transformação que o movimento de trabalhadores latinos por diversas partes do mundo, e em especial em nosso país, coloca o desafio de pensar os direitos de forma ampliada, ou seja, não mais os referenciando como outorgas. Estes trabalhadores, ao romperem com as fronteiras dos Estados-nações, acabam por transformar o mundo em um espaço público dentro do qual, segundo Ortiz, “*se enfrentan concepciones y proyectos distintos, antagónicos y complementarios*”.²

A partir desta perspectiva, as transformações geradas por este processo de deslocamento tornam possível ampliar a “noção de cidadania”,³ uma vez que estes sujeitos têm a expectativa, e bus-

¹ Ver especialmente os capítulos: *El contexto mundial y el iberoamericano e Las culturas de la contemporaneidad*. Em: ORTIZ, Renato. *Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica*. Barcelona: Fundación Interarts, 2005, p. 23-39.

² Cf: ORTIZ, Renato. *Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica*. Barcelona: Fundación Interarts, 2005. p. 23-39.

³ Quando é citada a necessidade de ampliar a noção de cidadania, tomo como referência Marilena Chauí, que introduz o conceito de cidadania cultural para afirmar que “a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideológica), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes passa a manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de culturas, criam outras e movem todo o processo cultural”. (CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural; o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 138).

cam, por meio de suas práticas, terem seus direitos reconhecidos pelos lugares por onde circulam.

Isto não significa que, ao reconhecê-los como tal, o processo histórico vivido por cada país latino-americano seja homogeneizado ou que o Estado-nação passe a ser visto como secundário, mas aponta a possibilidade de pensar suas similitudes, colocando em evidência as proximidades, assim como os distanciamentos, de suas experiências históricas.

É nesse sentido que as práticas e andanças dos trabalhadores latinos podem ser vistas como um deslocamento diferente de força de trabalho que, segundo Ortiz, expressa um movimento globalizado. Diante desse novo processo, percebo que eles estão em busca de alternativas para suas vidas, o que não significa necessariamente enriquecer e se estabelecer de forma definitiva no Brasil.

Por isso, coloco como reflexão o trabalho que realizam e seu modo de viver, sempre em movimento, como uma das formas possíveis de compreender suas práticas e viveres como expressões deste processo de exploração social a que eles e muitos outros trabalhadores estão submetidos. Este processo traduz um movimento de reordenação das forças e interesses no mundo capitalista que, se muitas vezes gera exploração e dominação, também aponta a construção de alternativas que, no caso dos trabalhadores latinos, evidenciam-se por meio das experiências vividas em suas andanças.

Em idas à Praça Tubal Vilela chamou minha atenção a forma como seu espaço é significado, produzido e (re)elaborado por aqueles que o ocupam através de seus trabalhos, de suas práticas e vivências. O trabalho que realizam, seja na praça ou nas ruas centrais da cidade, coloca estes trabalhadores em contato permanente com todos aqueles que, por diferentes motivos, também dividem com eles este lugar.

Em uma entrevista com o Sr. Marcelo, realizada em sua casa no bairro Martins, pedi para que falasse sobre o trabalho que realiza na Praça Tubal Vilela e ele inicia sua fala:

Bueno, é, o trabalho da gente sempre tem muitos aspectos, no? Porque, é, o trabalho da gente es a vida da gente, es algo que se você tem coisa errada, é, é, é, una pessoa así, cidadã, cidadana. Bom no sei como falam, tá bien cidadã? É, sempre tem que acolher algum tipo de trabalho decente pra poder, é, levar sua vida e se cuidar, cuidar sua família, sus seres querido e, sei lá, desfrutar também um poco da vida.⁴

Para falar de sua atividade o Sr. Marcelo busca criar uma aproximação do que ela significa, partindo do suposto de que, de certa forma, o valor que lhe atribui também poderia ser compartilhado por mim. A partir da busca por um entendimento comum relaciona-o então ao sentimento de cidadania que o trabalho lhe traz, o que possibilita assim ter expectativa de um dia também ter seus direitos reconhecidos. Por não o separar das outras instâncias de sua vida, ele também não o dissocia da maneira como se requer cidadão, desta forma o trabalho torna-se um direito que, para ele, está relacionado a sua conduta e valores.

Neste sentido, percebo que ao não separar o trabalho do seu viver, pois acredita que “[...] o *trabalho da gente es a vida da gente*”,⁵ este trabalhador amplia o significado do trabalho que não é realizado apenas como uma função, como uma atividade separada de outras dimensões de sua vida. Sua fala tem significância, permite pensar seu ofício como uma relação que não pode ser dissociada de suas vivências.

O sentido que atribui ao seu direito de desfrutar a vida também está diretamente relacionado a uma série de valores que norteiam suas vivências, assim como está ligado ao trabalho. Se por um lado lhe possibilita usufruir o que a vida lhe oferece, pois garante o dinheiro para isso, por outro esse desfrutar não acontece de qualquer maneira, mas orientado pelas responsabilidades com a família. Ter direito àquele espaço e ser um cidadão,

⁴ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun 2007.

⁵ *Idem*.

nesse sentido, liga-se à honestidade, e ao trabalho enquanto um direito à vida.

À medida que as entrevistas foram realizadas percebi que esses sujeitos expressavam seus sentimentos em relação às experiências que viviam, e dentro destas experiências os embates que estes trabalhadores vivem estavam sempre à vista. Mesmo que ocorressem silêncios e auto-censura em suas falas, durante o momento da entrevista eles passavam a refletir sobre suas escolhas e seus valores que estão diretamente ligados ao trabalho que realizam.

Dentre as dificuldades colocadas por esses trabalhadores aparece a relação com os fiscais. Os agentes públicos estão presentes nos diversos espaços da cidade para regular os usos que são feitos deles, por isso a forma como se dá a relação com estes agentes foi recorrente em suas narrativas uma vez que faz parte da experiência diária desses sujeitos.

Chama a atenção a forma como em seus enredos essas pessoas significam esta ação da prefeitura municipal e através dela o valor de seus trabalhos. Por meio de suas narrativas foi possível perceber as estratégias de viver e trabalhar na cidade, as formas utilizadas para resistir às dificuldades que lhes são impostas para continuarem com seus trabalhos nos espaços de Uberlândia.

Para burlar o controle que é feito sobre o trabalho é interessante perceber como os trabalhadores criam estratégias que lhes permitem continuar suas atividades, mesmo quando a fiscalização não quer permitir. Nas narrativas ficam mais claras as resistências criadas para viver e ter direito à cidade quando falam sobre o embate com os fiscais. Neste contexto, afloram as diversas maneiras de escapar da fiscalização. Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre este problema, ele disse:

Até o tema dos fiscais é divertido pra nós. Claro porque até os fiscais nos obriga a la criatividade também, entendeu? Ai quando os primeiros ataques a gente já elaborou algumas defesas pra ir embora rapidinho se eles se incomodavam. Agora já tenho pensado mais outra: se eles tão incomodando demais vou fazer uma pirâmi-

de pra exponer as cosas, entendeu o que eu falei? É uma pirâmide de três caras que ela vai se abojar sozinha, então se dá pra, se eles falar “ah não a gente tá caminhando”. Por caminhando eles deixam, “aí tamos descansando [...]”.⁶

Ao falar sobre as tensões que vive em seu dia-a-dia, este trabalhador utiliza a ironia como recurso para construir seu enredo. Ironizando a situação, converte o embate em criatividade, de maneira a afirmar sua esperteza e não a dos fiscais. Mostrando-se enquanto “vencedor” destas disputas ele diz: “*Aí quando os primeiros ataques a gente já elaborou algumas defesas pra ir embora rapidinho se eles se incomodavam...*”.⁷ A criatividade da qual fala é a sua maneira de lutar por seu direito a trabalhar naquele espaço.

Dentre as formas de resistir está a mudança na forma de expor os produtos de seu trabalho para que possa ter mais mobilidade, adequando-se à situação imposta pelas tensões que vivencia. Sobre esta alteração o Sr. Marcelo fala, ao continuar sua narrativa, sobre os embates com a fiscalização:

eu sou da velha guarda do artesanato que gostamos de estender o pano no chão de toda aquela coisa e se vien, tem unas pocas coisas no chão, não é como antes que todo estava no chão. Então, é, eles tem um horário, eles tem um horário, como qualquer trabalhador que no, até agora não sei se (inaudível), se por exemplo, como eu te falei otro dia, eles de manhã se vem, às vezes não vem, pero se vem, eles já quinze pras onze por aí eles já vão embora, entendeu? Aí você está tranqüilo, é, hasta mais ou menos duas horas, duas e meia, quinze pras três, sei lá. Pero aqui nós faz o seguinte: vamos poner as duas que já há aparecido duas horas, a gente quinze pras duas levanta todas as coisas do chão e trabalha só com isso aqui que nós chamamos asas-delta. [...] Porque elas

⁶ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun. 2007.

⁷ *Idem.*

voam quando vem o vento, aí é algo engraçado, é asa-delta, son esses panos assim montados que son fáceis de carregar, que também dan a imagem de que a gente está caminhando. Se você está vendendo a pé eles não mexem, só se você tá numa postura como eles falam, se pego um espaço público, uma postura, aí eles, eles mexem com você, mas se você tá vendendo caminhando, (flertando?) aí eles não te tocam. Então, essas asas você pega e vai caminhando, dan um jeito, eu tô trabalhando caminhando, entendeu? É, o carrinho já todo amarrado, não como agora que está todo cambiado, na hora certa, e bueno, nós dividimos com mi senhora, eu levo as asas e ela leva o carrinho, entendeu? E aí é só esperar, é só esperar que eles van (inaudível) embora, porque certamente van [...].⁸

Embora seja “*da velha guarda do artesanato*”,⁹ a necessidade de continuar a trabalhar mesmo em meio a fiscalização fez com que houvesse transformações em suas práticas. Se o problema está em pegar “*um espaço público como uma postura*”,¹⁰ ele então cria outro meio para utilizar este espaço, agora não mais se fixando, mas caminhando.

Para lutar por seu direito de trabalhar este artesão mudou todo seu procedimento de trabalho tendo que abrir mão da forma como gosta de atuar e inventar um novo recurso para poder, então, continuar naquele espaço. Para isto, cria uma outra maneira de expor seus produtos que, agora móvel, facilita a saída quando há presença dos fiscais.

Interpreto as alterações em seu modo de trabalho enquanto uma forma de resistência.¹¹ Dias depois da entrevista o Sr. Marce-

⁸ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun. 2007.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Segundo Marilena Chauí: “Corremos o risco de não perceber a resistência do dominado cada vez que nos obstinamos em não perceber a inovação introduzida naquilo que é costumeiro e que parece ter o mesmo sentido para todos” (CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 57).

lo já estava na praça utilizando a armação da qual falou e que lhe permite expor seus artesanatos de forma que lhe dê mais agilidade para sair rapidamente caso seja necessário, tornando possível caminhar pela praça levando-a e quando for preciso parar, colocando-a no chão sem a necessidade de nenhuma montagem extra.

Além das adaptações, o Sr. Marcelo também traz em sua narrativa uma forma de resistir que é elaborada a partir do horário em que a fiscalização acontece:

eles tem um horário, como qualquer trabalhador que no[...] até agora não sei se (inaudível), se por exemplo, como eu te falei otro dia, eles de manhã se vem, às vezes não vem, pero se vem, eles já quinze pras onze por aí eles já vão embora, entendeu? Aí você está tranquilo, é, hasta mais ou menos duas horas, duas e meia, quinze pras três, sei lá. Pero aqui nós faz o seguinte: vamos poner as duas que já há aparecido duas horas, a gente quinze pras duas levanta todas as coisas do chão [...].¹²

Este horário é utilizado por eles como uma estratégia para continuar seus trabalhos e, desta forma, alterando sua própria rotina de atividades de modo que haja um *desencontro* com os fiscais, torna-se possível burlar a fiscalização.

Assim como o Sr. Marcelo, também o Sr. Alejandro Schwind trouxe elementos para pensar as estratégias que utilizam para continuar com seus trabalhos. Ao narrar sobre como eles conseguem trabalhar apesar da presença dos fiscais, o Sr. Alejandro fala do uso do horário feito por eles como uma forma de autonomia,¹³ dizendo:

¹² Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun. 2007.

¹³ Quando digo autonomia estou pensando nas contribuições que E. P. Thompson trouxe em seu livro *A formação da classe operária inglesa*. Ao falar sobre a consciência de classe, Thompson possibilita refletir como esta é determinada pelas relações que os sujeitos constituem. Nessa direção é que compreendo que o trabalho que os sujeitos desta pesquisa realizam é autônomo, mas não livre, uma vez que suas escolhas não se dão independente do processo histórico em que vivem, sendo permeadas por ações humanas.

Después a las cinco da tarde é los fiscales já não trabalham e aí nós já somos livres de ficar donde nosotros queiramos e aí já la gente troca de lugar, um lugar donde tem mais gente e aí já dá pra arrumar el dinero pra pagar hotel e pra pagar a comida para nós.¹⁴

Sua narrativa evidencia que é através de algumas brechas que esses sujeitos resitem e disputam os espaços da cidade. Ao dirigirem-se à praça no horário de almoço dos fiscais ou nos dias em que eles não trabalham, mudarem por alguns dias o local das vendas, ao levarem menos mercadorias, o que lhes permite sair do lugar em que estão rapidamente, entre outras possibilidades encontradas, estes sujeitos criam um novo ritmo de trabalho que se fundamenta no controle que possuem sobre o tempo de suas atividades.

Este controle permite outra reflexão, desvinculada das convencionais formas de pensar os trabalhadores sempre são dominados pelo tempo do relógio. Ao contrário do que acontece com os trabalhadores de fábricas ou empresas, esses têm a possibilidade de criar seu próprio tempo. Assim, por não estarem vinculados a horários e locais fixos ou a um patrão, acreditam que realizam um trabalho mais livre. É recorrente em suas narrativas a ideia de que realizam um trabalho livre, pois *“no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação”*.¹⁵

Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre seu trabalho, este artesão trouxe em sua narrativa elementos que permitem compreender melhor esta sensação de “liberdade”:

Oh, e, e, vou te falar, se está todo, tudo lindo así que ninguém me incomoda, é lindo trabalhar em ele, no taller, em oficina que você fala, aí sua mesinha, sua luz, sua coisinha, pá e pe, tá aborrecido de fazer um modelo porque por aí faz quatro, cinco, já não quer

¹⁴ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 set. 2006.

¹⁵ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun. 2007.

nem vender isso, entendeu? A mente se cansa, pego outra coisa e faz outra coisa, não quer fazer algo certo só aproveitar o tempo? Tem de tudo pra fazer, vai fazer uma trancinha, vai fazendo, cortar coró, sei lá, sempre pode estar produzindo e naquele clima de sua casa que tem sua geladeira, você toma alguma coisa, é, uma musiquinha para quando você quiser. Aí, vá vender também tá de boa porque a gente gosta do artesão, entendeu? Aí somos muy bem tratados, a gente compra pra nós também, conhecemos gente todo o tempo, é muita gente legal...¹⁶

A concepção do trabalho que produzem, enquanto arte, talvez venha também da própria forma como ele é produzido, como se não fosse simples obrigação, mas também uma forma de prazer.

Durante uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela, a Sra. Norca compara o trabalho que realiza com os que, tanto ela quanto seu marido, realizaram no Peru e conclui: “[...] o trabalho aqui é bom porque é independente também e dá, tem muitas opções aqui porque o país é maior e tem mais cidades, mais estados, tem muitas opções. Como lá gente fica viajando, sobretudo isso”.¹⁷

No entanto, mesmo que possa ser considerado um trabalho mais independente não podemos perder de vista que o controle do tempo é mediado pelas tensões vividas nos espaços da cidade. Seu controle é cerceado pela ação dos fiscais, afinal não é qualquer horário que pode ser escolhido pelos trabalhadores para o trabalho.

Se não há horário fixo ou padrão, existem ainda suas necessidades básicas para sobreviver, que só são sanadas por meio do trabalho, portanto, as escolhas que fazem são também mediadas por essas necessidades. Afinal, pagar aluguel, se alimentar, cuidar da saúde, entre outros, são exigências reais e que estão presentes diariamente na vida das pessoas.

¹⁶ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 abr. 2006.

¹⁷ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 mar. 2006.

Além disso, durante o tempo que passei na praça, ou nas casas desses trabalhadores, tive a oportunidade de observar o processo de criação dos artesanatos e percebi que ele está sempre vinculado à espera de materiais¹⁸ trazidos por fornecedores — em geral colegas que viajam e trazem diferentes peças — que nem sempre chegam no período esperado. Em alguns casos, o material natural utilizado também é coletado em parques sendo, portanto, condicionado aos ciclos da natureza. Já os recicláveis são encontrados, às vezes, nas ruas, dependendo do acaso.

Desta forma, percebo que o controle do tempo está vinculado ao modo de produzir que, além de ser condicionado desde seu início pela demanda das matérias-primas, também se vincula ao tempo gasto para produzir cada peça. Este tempo é variável já que estas produções são criações que, embora muitas vezes possam ser mais simples, algumas se concretizam em peças complexas, utilizando diferentes materiais e técnicas de montagem.

No entanto, apesar dos limites, percebo que é exatamente por meio do trabalho que as dificuldades do dia-a-dia são contornadas. Por isso, este conduz à ideia de independência e autonomia que são mediadas pelas condições reais vividas por esses trabalhadores. A própria forma de produção, embora possua seus limites, transforma-se em uma forma de resistência. Ao falar durante uma entrevista sobre um dos meios criados para poder continuar seu trabalho na Praça Tubal Vilela burlando a fiscalização, o Sr. Marcelo diz:

É o seguinte: nós como já sabemos que podemos perder nossas coisas, é, siempre temos una reserva de, de matéria prima dentro da qual está la linha, la sementes, arame, bueno todas otras ferramentas que graças a Deus cada vez são mais, cada vez são mais. Eu cresci muito, já comprei muito coisa nova, é (vasador?), comprei una furadeira de boa qualidade por pouco dinheiro que tava

¹⁸ Os materiais a que me refiro são no geral: sementes, arames que possuem maior flexibilidade, fios de cobre, couro, pedras, entre outros.

(inaudível), comprei um martelo novo, sei lá, são coisinhas pero para taller es muito bom, para oficina, não?¹⁹

Por meio de sua narrativa torna-se possível perceber as alternativas que o trabalho artesanal lhe proporciona. Para realizá-lo não há a necessidade de investimento em materiais onerosos, o que lhe daria grandes prejuízos caso fosse confiscado pela fiscalização. Linhas, sementes e arames são trocados ou comercializados entre os próprios artesãos, podendo ser também coletados em parques ou mesmo nas ruas.

Assim, o trabalho por conta própria pode ser visto também como uma estratégia para sobrevivência. Em muitos casos não há saída, com o visto vencido e sem saber falar o português não conseguem encontrar um emprego com carteira assinada.

Sobre este problema falou o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez. Durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, ao ser questionado se sentia que era mais difícil sua situação no Brasil por ser estrangeiro, diz:

É todo mais difícil porque você tem que se virar, no? Você não tem a carteira de trabalho que vocês precisam pra trabalhar, aí você se vai pegar um emprego, você vai ter que trabalhar negro e se você trabalha negro os cara pode te pagar como no pode te pagar, porque os caras... e você vai reclamar pra quem se você é estrangeiro? Você se vai a São Paulo tem muita gente que trabalha em escravo, están encerrado em num quarto e eles trabalha aí, vive aí, caga aí, dorme aí, tudo aí e os cara son escravos, no? Por isso existe escavidón, só que também a política brasileira no faz nada para solucionar esse problema, no faz nada, entendió? Os problemas son sociales, muito social, muito problema social, dia-a-dia eu veo aqui, em otros estados, muitos problemas social e cada vez vá pior, no só por estrangeiros senão em total, em general.²⁰

¹⁹ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 jun. 2007.

²⁰ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

Desta maneira, o trabalho que realizam torna-se uma forma de sobreviver, mas também de resistir às condições de vida e de trabalho do mundo capitalista. Apesar das dificuldades, o Sr. Fernando não aceita se submeter ao que ele chama de escravidão, em sua narrativa mostra-se como um sujeito consciente que percebe as dificuldades que vive como um problema social que é muitas vezes relegado ao esquecimento pelo governo brasileiro.

Por outro lado, ele busca também relativizar esta situação colocando que os problemas são de todos os trabalhadores. Isso, de certa maneira, explicita uma consciência mais ampla vinculada à experiência de classe. Nesse sentido, sua fala permite pensar um campo comum de vivências e experiências, situações que, experimentadas por outros, estão também em seu horizonte e são evitadas por ele através do trabalho que realiza de forma autônoma e que, então, se tornou uma alternativa para esta situação de exploração da sociedade capitalista.

Nesta direção, torna-se importante destacar que esta é também a realidade dos demais trabalhadores que utilizam os espaços das praças e avenidas do centro da cidade para trabalhar. Artesãos, vendedores de passe, fruteiros, curandeiros e outros mais, vivem diariamente essas experiências e a possibilidade de voltar para casa sem suas mercadorias.

Com o intuito de compreender de forma mais ampla estas experiências compartilhadas, entrevistei outros trabalhadores que estavam na praça, mas que são nascidos no Brasil. Assim, ao entrevistar o Sr. Adilson Ferreira, mineiro de 60 anos que trabalha na Praça Tubal Vilela, seu enredo também trouxe as tensões vividas diariamente por quem utiliza este espaço como local de trabalho.

Enquanto falava sobre as dificuldades existentes naquele local para realizar seu trabalho, o indaguei sobre como ele conseguia continuar apesar dos problemas constantes, e ele respondeu:

Eu tive três apreensões de mercadoria, duas por parte da Prefeitura e uma inclusive por um policial militar que não é atribuição dele, é, perseguir ninguém que tá vendendo e tomar mercadoria e ele fez

isso. Então, então eu acumulei um prejuízo dentro de três meses de mais de três mil reais, então, eles num qué, não querem nem saber o que que é que você faz, porque que é que você tá aqui, eles querem é arrecadar impostos e dificultar pra pessoa sobreviver.²¹

Sua narrativa faz refletir sobre os problemas e tensões que são compartilhados pelos trabalhadores nos espaços da cidade. Disputa-los, resistindo para continuar neles, e lutar por seus direitos ao trabalho são vivências que aproximam esses sujeitos.

Insistindo nesta questão de como o Sr. Adilson Ferreira conseguia continuar seu trabalho na praça, ele responde:

Aí, você tá me entrevistando aqui, tá vendo que eu não tô vendendo nada, né? Então, porque já tiveram aqui de manhã, já prenderam mercadoria, já passaram com um moço algemado e essa é as condições. Então, eu tô aqui aproveitando esses minutos que eu tô, minutos não, essas horas, né? Que eu estou, é, sem vender pra estudar. Fico aqui mais agora é, é lendo, estudando até que eles, que os fiscais vá embora para que eu volte a trabalhar.²²

A narrativa deste trabalhador permite a reflexão sobre as condições de trabalho em que vivem todos os que, sem licença da Prefeitura Municipal, produzem continuamente os espaços da cidade como lugares de trabalho. Além disso, compreende-se que a prisão de trabalhadores são formas ofensivas utilizadas para demonstrar poder e para inibir a presença deles naquele espaço.

Portanto, percebo que estes trabalhadores vivem os mesmos problemas que os latinos não-brasileiros, mas não têm como específico a situação da “ilegalidade”, que está no horizonte desses sujeitos e delimita também suas escolhas como pode ser percebido pela narrativa do Sr. Fernando citada anteriormente.

Nessa direção, a presença dos trabalhadores latinos nos es-

²¹ Entrevista realizada com o Sr. Adilson Ferreira, em Uberlândia, no dia 23 out. 2007.

²² *Idem.*

paços públicos da cidade de Uberlândia e suas práticas se tornam evidências dos problemas colocados neste tempo presente, em que a globalização e as políticas do Mercosul conduzem a um novo tipo de agrupamento transnacional, mas que continua reproduzindo a lógica da exploração social.

As estratégias para lutar contra a exploração e pelo direito de trabalhar, das quais os trabalhadores falam em suas narrativas, produziu notícias no jornal *Correio*, de Uberlândia, que no dia 17 de maio de 2006 publicou uma matéria intitulada: “Prefeitura fecha cerco a ambulantes da área central”. Nela o jornal buscou mostrar como está sendo a ação da Prefeitura Municipal para a retirada dos trabalhadores das vias públicas e justifica esta ação com base na Lei Federal nº 6.044 de 30 de junho de 1994. Nessa reportagem podemos perceber como os trabalhadores são vistos como transgressores da lei. Em uma linguagem quase policial *Correio* jornal destaca:

De acordo com o secretário de Serviços Urbanos, Adicionaldo dos Reis Cardoso, o objetivo da ação é fazer com que a lei seja cumprida. “O desemprego existe, mas enquanto o problema não pode ser resolvido, temos que manter a ordem social. Não podemos deixar os cerca de mil ambulantes de Uberlândia soltos por aí, isso é ilegal”, afirma Adicionaldo Cardoso, que informa que quem não respeitar a determinação pode receber uma multa de 15 a 200 Ufir.²³

O jornal disputa, neste momento, com os trabalhadores a forma como os espaços da cidade devem ser utilizados. Se por um lado, os trabalhadores criam estratégias que buscam garantir seus direitos de trabalhar naquele espaço, por outro, aqueles que constituem o jornal também constroem, a partir dos conflitos que acontecem, suas próprias estratégias que possam lhes garantir aquilo que, nesta reportagem, está sendo chamado de manutenção da ordem social.

²³ Prefeitura fecha cerco a ambulantes. *Correio*. Uberlândia, 17 mai 2006. Cidade, p. B-1.

Nesse sentido, buscando fundamentar a necessidade de “ordem” para esses espaços da cidade, o jornal busca uma lei federal e constrói, por meio dela, o sentido da ilegalidade da atividade realizada por esses trabalhadores, sendo eles brasileiros ou não.

Continuando a disputa por esses espaços este periódico, no dia 10 de agosto de 2006, destaca os enfrentamentos entre os fiscais e os trabalhadores da praça por meio da manchete que destaca: “Apreensões não afastam camelôs do hipercentro. Vigilância é diária, mas vendedores voltam assim que fiscais saem”:

O hipercentro de Uberlândia continua abarrotado de vendedores ambulantes, sobretudo nas avenidas Floriano Peixoto, Afonso Pena, João Pessoa e Praça Tubal Vilela. Embora a fiscalização da Prefeitura tenha sido intensificada há cerca de um mês, o que se percebe ao caminhar pelas calçadas do Centro é que a situação está longe de ser solucionada. Isso porque não há fiscais nem estrutura suficiente que consigam conter as artimanhas e as estratégias utilizadas pelos camelôs. A maioria já teve suas mercadorias apreendidas várias vezes, mas não se intimidam com o fato e acabam retornando para os pontos de venda.²⁴

Na narrativa do jornal *Correio* mais uma vez o conflito social que tensiona as relações constituídas na cidade se faz presente na busca por mostrar que, mesmo com as ações dos fiscais da Prefeitura Municipal no centro de Uberlândia, aquelas pessoas adjetivadas por este periódico, em diversas reportagens, de camelôs, ambulantes ou informais, continuam presentes neste espaço.

A reportagem neste caso busca cobrar uma ação mais efetiva dos órgãos de controle da Prefeitura. No entanto, o que importa perceber é que, por meio de suas páginas, é dada visibilidade às contradições e às disputas pela cidade que são travadas diariamente.

As resistências desses sujeitos, que são também evidencia-

²⁴ CORREIO. Apreensões não afastam camelôs do hipercentro. Uberlândia, 10 ago. 2006. Cidade, p. B.3.

das nas páginas deste periódico, têm como base não apenas a criatividade de cada trabalhador ou o uso que fazem do tempo para o trabalho. Dando sustentação a estas formas de resistir estão, também, as relações que se constituem naquele espaço.

Durante uma entrevista com o artesão Fernando, perguntei como eles se ajudam para evitar a ação dos fiscais e ele respondeu:

Não, cada qual... é aí entre nós alguns ajudam, só. O meu é rápido pra juntar porque eu venho com poucas coisas pra não perder, se eles me pegá não perde muito, mas si a gente pega, um fica falando pra outro, "os fiscal, fiscal". Os primeiros a correr são os frutero, porque eles tem muito coisa, né? E tão de carrinho aí, eles como que já dá alarme que os fiscal tá chegando, aí eles vai embora e nós atrás, no?²⁵

Assim, ao contrário da construção feita pelo jornal, o que pude perceber nas conversas e na narrativa do Sr. Fernando é que os trabalhadores que estão disputando estes espaços se preparam, às vezes, individualmente para resistir à fiscalização e em outras se auxiliam mutuamente. Suas formas de resistência não se ligam àquela imagem de organização criminosa que o jornal tenta lhes imputar. Compreendo que as estratégias e "artimanhas" que esses trabalhadores utilizam são também modos de legitimar o direito por aquele espaço.

Esta forma de resistir, que é fundada nas tensões vividas, é registrada pelo jornal *Correio* de Uberlândia no dia 30 de novembro de 2006, com o título: "Ambulantes usam 'olheiro' para escapar dos fiscais":

O comércio de material pirata está se especializando para viver diante da concorrência e, sobretudo, da fiscalização. Há algum tempo um determinado grupo de camelôs que frequentam o Centro de Uberlândia passou a contar com a ajuda de um 'olheiro'. Um

²⁵ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

adolescente é escalado e recebe um salário para seguir os fiscais da Prefeitura e informar por meio do celular o percurso que é feito pelos profissionais. 'Se alguém chegar, eu saio correndo. Tem de ser assim. Senão eles levam tudo e o prejuízo é grande', disse um vendedor. 'O negócio tá feito por aqui. Eu estou ficando com apenas um exemplar de cada filme. Se o fiscal chegar, eu falo que é uso próprio', disse outro ambulante que vende o material disfarçadamente em uma loja de equipamento de carro em um camelódromo da cidade.

Mas não faltam oportunidades de comprar CDs e DVDs no Centro. Dezenas de vendedores estão espalhados nas calçadas... Eles se deslocam de um lado para o outro com uma velocidade impressionante. E não se importam nem um pouco com a situação 'embaçada' que tomou conta do negócio nos últimos meses. Detalhe: questionado sobre a gíria, um vendedor explicou: 'é assim que a gente fala quando os fiscais estão por perto. Serve para contar aos outros como está o dia', disse.²⁶

A reportagem que toma cerca de quatro colunas da página tem como objetivo mostrar que o trabalho de fiscalização está sendo feito, no entanto, existem certas práticas para burlar a lei, que são denunciadas ao longo da reportagem, impedindo que o trabalho realizado pelos fiscais da Prefeitura Municipal funcione de forma efetiva.

A linguagem utilizada pelo jornal traz a ideia de que aqueles trabalhadores são marginais, pois são colocados como infratores, uma vez que rompem as leis estabelecidas. A imagem de um adolescente como "olheiro" também conduz à imagem dos meninos que trabalham para o tráfico, informando quando a polícia se aproxima. Da mesma forma, a gíria explicada pelo jornal denota uma prática ilegal, realizada escondida e às pressas.

Apesar da criminalização dos trabalhadores feita por este jornal, torna-se possível perceber as resistências que são forjadas

²⁶ Ambulantes usam "olheiro" para escapar dos fiscais. *Correio*. Uberlândia, 30 nov. 2006. Cidade, p. B.2.

nos conflitos vividos. A interpretação do periódico sobre essas resistências que foram transformadas em notícias não impede a percepção da ação ativa desses sujeitos no processo que estão vivendo, podendo ser evidenciada na ação dos que foram fotografados, uma prática de resistência ao insistirem em permanecer e dar continuidade a suas práticas.

Apesar de o jornal construir a ideia do estabelecimento de uma organização quase criminosa no centro da cidade de Uberlândia o que notei ao conversar com os trabalhadores latinos é que a ajuda mútua que se estabelece naquele local tem como fundamento valores como a amizade, a camaradagem e a percepção de que vivem um mesmo confronto que pode ter consequências para todos que ali estão, sendo eles brasileiros ou não. Os sentidos e o valor que estes sujeitos dão ao trabalho que realizam tornam-se, então, uma das maneiras possíveis de desvinculá-los dessas imagens que são projetadas sobre eles.

Ao continuar sua narrativa sobre como os trabalhadores resistem à fiscalização, o Sr. Fernando diz:

Os primeiros a correr são os frutero porque eles tem muito coisa, né? E tão de carrinho, aí eles como que já dá alarme que os fiscal tá chegando, aí eles vai embora e nós atrás, no? Aí fica meio escondido na praça, que feio, no? Se sentir ladrón, algo así...²⁷

A disputa é interpretada por ele como uma tentativa de marginalizá-lo, no entanto, sua fala me levou a questioná-lo se essa ação da fiscalização o faz sentir-se realmente um marginal. Ele responde:

É, marginal. Sabe o mais engraçado, vou te contar una coisa, hace muchos anos atrás eu tive problema com químicos, aí fui na instituição, aí na instituição eles enseña como terapia a fazer cosas com as mãos para tratar os pacientes, para se desarrollar, sabe? É, sua

²⁷ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

habilidade, pra dar mais é, uma oportunidade, como eles e muitas personas que vão nesse tratamento, que se curam, aprendem a fazer artesanatos. Na cadeia também, na cadeia você dentro da cadeia aprende a fazer artesanato, tem, tem personas que vá lá na cadeia só para ensinar e quando saem na rua no pode vender, olha que engraçado que pode hacer uma persona que é ladrón supongamo o adicto, no? Que aprenda a fazer artesanato pra se defender na vida, pra ter uma nova oportunidade, quando sai na rua chega os fiscal e tira o que o cara aprendeu a fazer e tá fazendo e vive desso, em que ajuda isso? No social no ajuda nada, nim no emocional. Una persona que foi ladrón faz artesanato e sai pra trabalhar e tira as coisas. O cara já meia hora depois tá querendo pegar e roubar ué.²⁸

O que analiso é que embora o jornal os trate como marginais, eles não se sentem assim. Em seu enredo o Sr. Fernando, ao mesmo tempo em que fala sobre a sensação que possui quando precisa se esconder fugindo dos fiscais como se fosse um ladrão, procura mostrar também o valor de seu trabalho. Assim, rompe com a noção de marginalidade quando conduz ao questionamento de como pode ser considerada ilegal ou marginal uma atividade que abre alternativas para o viver de diversos sujeitos sociais.

Assim, constrói sua visão sobre o artesanato que produz, não apenas como um meio para sobreviver, mas também como uma oportunidade de viver distante dos vícios e dos roubos, por meio da própria habilidade e de manter a honestidade e a dignidade. Desta forma, o Sr. Fernando demonstra que trabalha para sobreviver de forma honrada e que se lhe for retirada esta possibilidade talvez o que lhe reste seja realmente a marginalidade, na qual é muitas vezes acusado de estar.

Ao invertermos a lógica apresentada pelo jornal podemos perceber, através de suas próprias páginas, a forma como essas pes-

²⁸ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

soas buscam resistir e ocupar aquele espaço que também lhes pertence através de estratégias que lhes permitem continuar a realiza ação de seus trabalhos.

Lendo a reportagem “Camelôs se especializam para driblar fiscalização” a partir de uma outra perspectiva é possível notar, além das disputas e tensões, também as resistências:

O material é ofertado dentro de pequenas malas, bolsas ou mesmo nas mãos dos ambulantes. Se o cliente deseja algum exemplar mais difícil de ser encontrado, o vendedor logo se adianta em dizer: ‘vou anotar seu pedido e trago amanhã’.

‘Se alguém chegar, eu saio correndo. Tem de ser assim. Senão eles levam tudo e o prejuízo é grande’, disse um vendedor. ‘O negócio tá feio por aqui. Eu estou ficando com apenas um exemplar de cada filme. Se o fiscal chegar, eu falo que é uso próprio’, disse outro ambulante que vende o material disfarçadamente em uma loja de equipamento de carro em um camelódromo da cidade.

Dezenas de vendedores estão espalhados nas calçadas... Eles se deslocam de um lado para o outro com uma velocidade impressionante. E não se importam nem um pouco com a situação ‘embaçada’ que tomou conta do negócio nos últimos meses. Detalhe: questionado sobre a gíria, um vendedor explicou: ‘é assim que a gente fala quando os fiscais estão por perto. Serve para contar aos outros como está o dia’, disse.²⁹

Assim, o jornal *Correio* de Uberlândia, ao trazer as tensões sociais que estão sendo vividas, traz também as lutas, as estratégias e a força desses sujeitos que se organizam para se manterem em um lugar que é visto por eles como um direito, mesmo que uma lei externa aos seus modos de viver possa dizer o contrário.

Interessada em compreender o outro lado que compõe este conflito, busquei interpretar nos enredos dos trabalhadores latinos o que eles pensam sobre a tentativa de “organização” do es-

²⁹ Camelôs se especializam para driblar fiscalização. *Correio*. Uberlândia, 30 nov. 2006. Cidade, p. B.2.

paço que ocupam. Durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela em dias de muita tensão pela ação dos fiscais, quando muitas apreensões estavam acontecendo, pedi para que o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas falasse um pouco sobre a presença dos fiscais e o que estava acontecendo com os trabalhadores:

Pois é, como eu falei pra você antes, é um mal necessário, fiscal é um mal necessário porque mal pra nós, mas é necessário porque senão a cidade fica poluída de comerciantes ambulantes (inaudível), camelôs e tudo quanto é gente que, que pretende ganhar a vida vendendo alguma coisa, mas no final se não existisse essa forma de controle isso aqui vira um caos, né? Como já vi isso em São Paulo em alguns tempos, por exemplo, lá, ladera Carneiro, uma descida que tem pro Parque Dom Pedro, do pátio do colégio até o Parque Dom Pedro, é uma ladera así. Teve uns tempos, uns tempos da Luiza Erundina que tirou a fiscalização da rua e aí era tanto, tanto camelô que havia umas, uns corredor assim no meio das, das barraquinhas que a gente só colocava um pé atrás do outro e não podia nem pisar nos coisas deles que eles reclamán, né? Que eles é, esse es um exemplo que sem fiscal a coisa não funciona, né?³⁰

Em sua narrativa este trabalhador parte do princípio de que quem o entrevista conhece as leis estabelecidas, desta forma busca construir o diálogo a partir da mediação de suas experiências e também da experiência de quem o ouve. Seu enredo expressa a necessidade de ordem a partir de suas vivências em São Paulo, o que o conduz à ideia da importância de uma organização dos espaços da cidade.

Além disso, embora este trabalhador não aceite como legítima a forma como ocorrem as ações violentas da fiscalização em Uberlândia, penso se o que é apresentado pelo jornal *Correio* de Uberlândia e outros meios de comunicação não tensiona sua fala.

³⁰ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

Afinal, estes meios, controlados pela classe dominante, buscam divulgar e legitimar uma ideologia que pretende anular as diferenças e as contradições da sociedade, reproduzindo continuamente a ideia de que o sujeito é responsável por si individualmente, o que faz com que os problemas sejam deslocados do social e colocados como incompetência individual. Desta forma, o discurso ideológico engendra uma realidade que, embora lacunar, passa a ser vista como coerente e os valores da classe dominante colocam-se como universais.

Nessa direção, sua narrativa conduziu à reflexão de que a transformação do espaço por esses trabalhadores não ocorre como simples inversão de valores, como se fosse possível acontecer no contexto apresentado uma substituição imediata ou completa modificação dos ícones e símbolos culturais consagrados pelas classes dominantes. Pensar as alterações desse espaço de forma simplista levaria apenas a preservar a estrutura binária de divisão entre o baixo e o alto, divisão que é continuamente transgredida³¹.

Isso significa que não devemos ver a luta de classes de forma reducionista e com limites claramente estabelecidos. Há sim resistências, mas existem também acomodações e contradições, uma vez que esta luta não está isenta de valores socialmente construídos.

Nos momentos de confronto com a fiscalização, ou até mesmo com a polícia, esses sujeitos mostram sua indignação com a situação que enfrentam. No entanto, em outras situações, frente à lógica de mercado que se quer hegemônica em nossa sociedade, também interiorizam a culpa por sua condição de trabalhador autônomo que, no olhar dos fiscais que representam os poderes instituídos, significa *informalidade*.

Nesse sentido, o que percebo é que não é possível pensar a classe trabalhadora como isolada da ideologia dominante que bus-

³¹ Em sua obra "Da diáspora. Identidades e transformações culturais", Stuart Hall traz esta problemática apontando que não se trata mais de pensar o baixo como aquele que está à espera de substituir o alto, como é colocado nas metáforas da revolução.

ca ensinar como devemos “conhecer e agir”.³² No entanto, isso não significa que não há saídas, mas somente que as contradições também devem ser levadas em consideração.

Além disso, fico pensando se aquilo que chamamos de acomodação ou conformismo não deveria ser compreendido também como uma forma de resistir, aceitar para continuar. Afinal, se de um lado, o Sr. Isaías justifica a ação dos fiscais e policiais colocando a culpa nos próprios trabalhadores da praça que parecem extrapolar os limites do que seria a presença aceitável deles naquele espaço, por outro ainda busca resistir e sobreviver apesar das dificuldades, mesmo que sua forma de resistência possa ser vista como conformismo. Para isso busca nos momentos de maior fiscalização ir para outras cidades próximas à Uberlândia para continuar seu trabalho que permitirá seu viver.

Também deve ser levada em consideração a forma como se dão, nas disputas, as identificações entre os trabalhadores que estão naquele espaço. Continuando a entrevista com o Sr. Isaías lhe pergunto sobre o que ele pensa que pode ser feito para essa situação melhorar e ele diz:

O que eu penso é que deveria organizar um pouco se, se possível, né? Organizar de, de certa forma que no entre tanto camelô de fora, tanto barraquero de fora, aqui a maioria desses vendedores aí pelo que eu sei não são de aqui. Não vou falar aqui o que eles vendem porque seria como apontar as pessoas, mas tem muita

³² Marilena Chauí trabalha a problemática da ideologia em seu livro “Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas”, enfatizando: “A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é uma maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade) por ser o modo imediato e abstrato de manifestações do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos ‘ensinam’ a conhecer e a agir” (CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 15).

gente aí que vende coisas aqui e não son de daqui e essas pessoas terminam, terminam digamos aumentando demais o número de, de comerciantes de rua, isso aí termina dando problema, né? O fiscal já acha demais, né?³³

Este trabalhador traduz em sua narrativa seu direito em trabalhar naquele espaço a partir de seu sentimento de pertencimento, sentimento este que é construído diariamente através das relações sociais vividas por ele, e faz com que o sujeito se reconheça naquele espaço e até mesmo aponte as pessoas que seriam “os de fora”.

A respeito desta problemática o artesão Fernando tem um outro posicionamento. Sobre a frequente presença dos fiscais na Praça Tubal Vilela diz:

Eu posso ficar todo dia lá pra ganhar um real, dos reais e isso eu não, não posso, o sea, eu não posso viver de meu trabalho ganhando dois reais por dia, entón, eu tenho que me virar, se saí a trabalhar a noite, o sea, pra compensar é o problema do fiscal, no? Porque realmente pra mim é um problema, pode ser solução pra muitos comércios, mas pra mim no é nenhuma solução e a Prefeitura não toma uma decisão, uma medida, algo que sea. Olha, me mira que simple, que bonito seria, imagina uma feria artesanal cultural na Praça Tubal Vilela, todos dias, em que prejudicaria a Prefeitura? Em nada, a Prefeitura tenia mais uma organização, um ordem, a su vez também poderia conseguir, porque eu não tenho problema de pagar pra trabalhar así, como as feras, as feras você paga 70 reais por ano, em câmbio, na fera, todo o dia aqui pagando 70 que sea 10, 15 artesão, artesão, não tô falando, eu tô falando de artesãos, verdadeiros artesãos, caras que tenham talento, trabalho fiscalizado por otros artesãos que valem a pena, uma fera aqui ajudaria a Prefeitura também, no?³⁴

³³ Entrevista realizada com o Sr. Isaias Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

Para este trabalhador os fiscais são um problema, pois impedem que possa realizar seu trabalho e com ele garantir o sustento de sua família. Assim como o Sr. Isaías, este trabalhador também fala sobre a necessidade de normatizar os espaços da cidade, mas suas sugestões distanciam-se da organização proposta pela Prefeitura Municipal. Além de permitir perceber a tensão constante entre ele e os donos de lojas da região central da cidade, indica que o tratamento dado a seus trabalhos se diferencia nas diversas cidades ou países pelos quais passou. Assim, suas sugestões são elaboradas a partir de suas experiências que indicam como solução uma feira cultural artesanal, embora esta possa significar, ainda, exclusão para outros trabalhadores que estão na praça e não produzem artesanatos.

Já o Sr. Marcelo coloca a disputa pelo espaço e a tensão com os fiscais de forma diferenciada. Ao ser perguntado sobre como estava sendo trabalhar com a intensa fiscalização, ele diz:

Eles chegam mais o menos dez e meia da manhã. Aí a gente vai onze horas geralmente e como é o espaço do meio-dia, do almoço e tal eles van, porque é uma cosa boa pra nós eles não têm a camiseta da Prefeitura, eles tão trabalhando, entendeu? Não tem uma sânia. Sabe o que é sânia así? Pra nós sânia é que eles estão como obsessivos com pegar gente, entendeu? Nada disso, entendeu?³⁵

Interpreto sua narrativa como uma possibilidade de refletir sobre a relação entre estes trabalhadores e os fiscais enquanto uma relação de trabalho e não enquanto um contato que se resume apenas entre eles e as instituições para as quais estes agentes trabalham.

Mesmo reconhecendo que os fiscais são agentes públicos à serviço do poder instituído, acredito que seja importante não per-

³⁴ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 maio 2007.

³⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 abr. 2006.

der a dimensão de que também eles são trabalhadores, que em muitos casos apóiam as determinações da Prefeitura Municipal, mas que também em outros “*não tem a camiseta da Prefeitura*”.³⁶

Além de sua narrativa, com elementos que conduzem à possibilidade de romper com a dicotomia na relação entre esses sujeitos, também ao longo da pesquisa esta relação, que pode parecer contraditória, foi vista nas conversas que não estavam sendo gravadas, quando muitas vezes diziam que tinham que ter paciência, pois também os fiscais só faziam o trabalho deles. Isto se tornou mais claro quando uma trabalhadora falou sobre um laço de amizade existente entre um dos trabalhadores da praça e um dos fiscais da Prefeitura que costuma ligar avisando quando ele irá fiscalizar.

Isto permite compreender as relações como não sendo determinadas, mas que acontecem entre homens e mulheres reais que vivem as tensões na disputa por interesses que são permeados por valores. Assim, é possível compreender que em algum momento poderá haver, além das pressões por meio de prisões, confiscos de mercadorias e diversas formas de desrespeito, conformação entre eles na medida em que se reconheçam enquanto trabalhadores e compreendam suas necessidades nas contingências da luta de classes.

Deste modo, pensar as transformações da cidade e os conflitos que nela ocorrem de forma simplista levaria apenas a preservar uma forma dualista de compreender as lutas de classes.³⁷ A

³⁶ *Idem.*

³⁷ Para o desenvolvimento destas reflexões foram fundamentais as discussões realizadas na disciplina Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais, ministrada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo no segundo semestre de 2007, quando tivemos a oportunidade de refletir sobre cidade enquanto uma categoria da prática e do fazer de muitos e diferentes sujeitos sociais, e como se constitui na produção de diferentes suportes de memórias, culturas e linguagens. Destaco ainda a importância da leitura do texto: CALVO, Célia Rocha et. al. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomáz (Org.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: Edufu, 2005.

complexidade, parece, está em perceber que nestas lutas há resistências e também conformações, acomodações vividas como contradições pelos agentes históricos.

Nesse sentido, acredito que a relação entre os sujeitos que disputam e produzem os espaços da cidade nas relações de trabalho e a classe dominante de Uberlândia não é dada, mas construída, diariamente, através dos modos como lidam com as situações que vivenciam através de resistências, incorporações e negociações.

Com a intenção de descobrir outros olhares sobre os trabalhadores latinos e compreender como as tensões que vivenciam são percebidas e interpretadas, realizei entrevistas também com aqueles que vivem na cidade de Uberlândia, mas apenas passam pela praça ou a utilizam como um local onde descansam no horário do almoço e, assim, entram em contato com estes latinos comprando também os produtos vendidos por eles.

Nas entrevistas percebi que são diversos os motivos que levam as pessoas entrevistadas — entre elas estudantes, donas de casa, trabalhadores que fazem “bicos” ou são sacoleiros — a comprarem produtos daqueles trabalhadores. Entre eles existe o fato de que naquele lugar está o ponto de ônibus, assim, enquanto esperam a condução aproveitam para comprar algo de que necessitam. Outros compram artesanatos por questão de estética, porque está na “moda” ou acham “bonito e mais barato” do que os vendidos nas lojas.

Para além desses motivos, chamou atenção nas narrativas a forma como as pessoas que foram entrevistadas identificam-se com os trabalhadores, não se importando se eles são brasileiros ou não.

Durante uma entrevista com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, 51 anos, sacoleira, que estava comprando artesanatos de uma trabalhadora latina, pergunto o que ela acha do trabalho que é realizado naquele espaço da praça:

Eu acho ótimo, a pessoa, a pessoa tem que trabalhar, né? Porque se não trabalhar, igual eles veve aí tomando as coisas eu acho isso

um absurdo, porque é o seguinte, eu acho que é melhor do que roubar, né? A pessoa se vira como ele tem condições.³⁸

Atribuindo um valor positivo esta senhora compreende que as pessoas têm direito ao trabalho, sendo este válido para que não haja a necessidade de roubar. Essas pessoas que passam pela praça e ocupam, em sua grande maioria, também trabalhadores e se reconhecem naquelas práticas, pois veem seus trabalhos e seus modos de viver como um campo de possibilidade, pois não há garantias também para eles que um dia não precisarão trabalhar como aqueles da Praça Tubal Vilela. Desta forma, aquela experiência de vida poderá um dia também ser a deles. Assim, valorizam aquele ofício como uma forma de viver honestamente, legitimando as atividades desses trabalhadores latinos.

Ao ser perguntada sobre o que acha daqueles trabalhadores da Praça Tubal Vilela, a Sra. Marta diz:

Eu admiro muito eles, se eu, o que depender de mim e tal, dô a maior força, desde que a pessoa não está roubando, ele está trabalhando honestamente, ele pode tá fazendo o que for, ele está trabalhando, ele está se virando do jeito que ele pode, porque eu sei de mim sabe? Se depender de mim e eu precisar de largar das minhas roupas e eu barre até rua, catá até lixo eu cato, pra mim trabalhar, mas roubar não.³⁹

A Sra. Marta constrói seu enredo tendo como horizonte vivências que muitas vezes também são suas. Desta forma, ao falar sobre esses trabalhadores ela projeta seu modo de vida dizendo a todo o momento de experiências que ela, enquanto trabalhadora, também compartilha com eles.

Sua narrativa permite pensar sobre as tensões quotidianas

³⁸ Entrevista realizada com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, na Praça Tubal Vilela em Uberlândia, no dia 21 maio 2007.

³⁹ Entrevista realizada com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, na Praça Tubal Vilela em Uberlândia, no dia 21 maio 2007.

vividas pelos trabalhadores e como se dão as condições de vida desses sujeitos. O enredo que constrói traz as dissidências para o foco, mostrando que a imagem produzida no jornal e pela Prefeitura sobre os trabalhadores da praça não é única.

Em suas visões estes outros trabalhadores legitimam a presença desses sujeitos nos espaços da cidade quebrando a ideia de marginalidade, informalidade ou ilegalidade que aparece no jornal e que é apresentada pela Prefeitura Municipal.

Assim como essas visões, reconhece também um terreno comum de experiências e nele o desemprego, o subemprego, a luta pela sobrevivência, o que faz com que concorde com as práticas dos trabalhadores que utilizam os espaços da cidade, pois se “*eu precisar largar das minhas roupas e eu barre até rua, cata até lixo eu cato, pra mim trabalhar, mas roubar não*”.⁴⁰ Valoriza, assim, o trabalho que é realizado na praça e elogia a criatividade dos produtos comercializados.

Nesta mesma direção, o Sr. Clayton de Oliveira Santos, de 29 anos, auxiliar de serviços gerais, fala sobre o que ele acha do trabalho realizado na Praça Tubal Vilela:

Ai, eu acho assim muito interessante que todas as pessoas estão aqui, né? Num propósito, né? De estar aqui lutando pelo dia-a-dia, pelo pão de cada dia, desenvolvendo seu talento, trabalhando, né? Eu acho importante é porque aqui fica, como fica é em quantidade, tem não muito assim, vários, né? Trabalhando e você encontra várias coisas, né? Você vê ali um que faz artesanato, vê outro que vende que vende outra coisa e aí você tem opções para encontrar a coisa que você quer encontrar.⁴¹

Desta forma, há uma valorização do trabalho dos artesãos

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ Entrevista realizada com o Sr. Clayton de Oliveira Santos, na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, durante a compra de um artesanato feito de arame no momento da entrevista dada pelo Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em 29 maio 2007.

que estão na praça “*desenvolvendo seu talento*”⁴² e o reconhecimento da luta pelo pão de cada dia que também é vivida pelo Sr. Clayton, ainda que em outro espaço, mas que possui o mesmo valor, pois é realizada de forma honesta.

Há também os trabalhadores brasileiros que realizam seus trabalhos nos espaços da cidade e, portanto, dividem estes espaços com os trabalhadores latinos. Eles trazem em suas narrativas o que para eles significa a convivência com estes sujeitos.

Durante a entrevista com o Sr. Adilson Ferreira, brasileiro de 60 anos que trabalha na Praça Tubal Vilela vendendo artesanato, indaguei sobre a importância que ele percebe no trabalho realizado pelos trabalhadores latinos, e ele responde:

É um trabalho importante, né? Porque eles às vezes têm muito mais conhecimento, muito mais experiência do que a gente na área de artesanatos, então, inclusive eu aprendia a trabalhar com linhas com um peruano que já retornou ao país dele, então, há também esse intercâmbio, não só da língua, mas também esse intercâmbio assim cultural, profissional na área do artesanato.⁴³

No caso do Sr. Adilson a convivência com os trabalhadores latinos significou um intercâmbio de experiências. Assim, as relações se fundamentaram por meio da cultura, de seus modos de viver e trabalhar.

Buscando refletir sobre as possíveis diferenças entre esses trabalhadores, indaguei ainda ao Sr. Adilson se ele percebe diferenças entre os que vieram de outros países e os trabalhadores nascidos no Brasil e ele respondeu:

Eu acho que, que pra eles ainda é mais difícil porque eu também já fui estrangeiro na Europa e eu tenho essa experiência. Eu tive na Espanha, em Portugal e, um estrangeiro sobreviver na Europa é

⁴² Entrevista realizada com o Sr. Clayton de Oliveira Santos.

⁴³ Entrevista realizada com o Sr. Adilson Ferreira, em Uberlândia, no dia 23 out. 2007.

muito difícil porque você é... Apesar de ter conseguido trabalho, mas era informal também, mas trabalho assim, é, com carteira assinada a primeira coisa que eles pergunta é “você tem papel?” Então pra eles aqui também a mesma condição, né? Que é colocada lá na Europa, lá fora, pra eles aqui também a mesma situação, porque eles conseguem trabalhar só na informalidade, um trabalho, é, carteira assinada é muito difícil por causa da documentação que é exigida pelo governo brasileiro.⁴⁴

Partindo de suas experiências e vivências compartilhadas com estes trabalhadores, o Sr. Adilson traz novamente o problema da ilegalidade vivido por esses sujeitos como uma situação que marca a diferença entre eles. Ser estrangeiro significa muitas vezes trabalho informal, insegurança, tensões cotidianas com o poder estabelecido frente às leis que o exclui.

Para contornar estes problemas surge, então, o trabalho artesanal como uma escolha em suas vidas. Embora o Sr. Adilson fale de sua atuação na informalidade, o que percebo é que o trabalho que realizam não é visto por eles como informal, mas como uma forma de “arte”, um modo de viver e de “ganhar a vida”.

Se por um lado, este modo de trabalhar os conduz a relações conflituosas, principalmente em relação à fiscalização da Prefeitura Municipal, por outro, este modo de viver, que não está dissociado de seus trabalhos, nos leva a refletir sobre suas andanças como uma escolha diante das adversidades enfrentadas no dia-a-dia.

Recebido em março de 2009
Aprovado em outubro de 2009

⁴⁴ *Idem.*